

Nota de apresentação

Em resposta ao desafio lançado pela revista “Espaços vividos, Espaços construídos: estudos sobre a cidade”, organizou-se este quinto número, em torno de um dos principais temas em que o Grupo de Estudos Sócio-Territoriais, Urbanos e de Ação Local (Gestual/CIAUD-FAUL) tem centrado a sua investigação-ação: “Observar e Intervir no Local”, a partir da leitura do espaço como *produto social*, na linha crítica de Henri Lefebvre (1974). Agregou-se um conjunto de ensaios de carácter mais teórico ou mais empírico desenvolvidos por membros do Gestual ou por investigadores ou técnicos parceiros com abordagens similares, em torno da produção e transformação do espaço habitacional, em diferentes contextos, com ênfase nas margens urbanas e nos grupos de menores recursos. São contributos para uma visão crítica do modelo hegemónico de produção do espaço e de mercantilização da cidade e para uma reflexão alargada sobre intervenções alternativas e resistências, visando uma cidade mais inclusiva e justa, bem como sobre o papel de diferentes atores, arquitetos-urbanistas e academia, entidades públicas, organizações da sociedade civil, organizações comunitárias de base e movimentos sociais. Abordam territórios concretos e diferentes tipos de espaços habitacionais, desde bairros autoproduzidos, ditos ‘informais’, loteamentos ou bairros de génese ilegal, bairros de promoção pública e de realojamento, a bairros mais centrais ou, noutra dimensão, a campos de refugiados. Pretendeu-se desta forma cruzar diferentes territórios, situações de exclusão e experiências de intervenção alternativa ou de luta pelo direito à habitação, ao lugar e à Cidade, na perspectiva emancipadora e de coprodução do espaço de Henri Lefebvre (1968). Dado o grande número de contribuições, organizaram-se dois volumes: o primeiro (nº5) centrado em Portugal e o segundo (nº6) em outros países da lusotopia (Angola, Brasil e Moçambique), ao qual se acrescenta um dossier sobre “cidades” de refugiados em outras paragens. Os dois números (5 e 6) incluem ainda testemunhos de experiências profissionais e de investigação-ação, com intervenção direta no território, bem como entrevistas neste número 5 a membros da sociedade civil e ativistas intervindo nas margens do urbano.

Este número, apresenta um conjunto de dez artigos seguidos de duas entrevistas a atores da intervenção local em Lisboa. Os dois primeiros artigos assumem um carácter mais teórico. **Te-**

resa Sá retoma duas noções que estruturam o pensamento crítico de Henri Lefebvre, a produção do espaço e a vida quotidiana, focando-se em dois temas de grande atualidade: a alienação e os mitos do quotidiano de naturalização das injustiças e a crítica ao urbanismo e planeamento racional, base da sua proposta de um “novo urbanismo”, que privilegia o habitar, a *praxis* e a festa. **Fabiana Pavel**, alerta para o impacte cada vez mais desestruturante da globalização do turismo de massas, considerado no novo milénio um dos setores económicos mais poderosos, e sublinha o seu papel na mercantilização da cidade, acelerando fenómenos de gentrificação e expulsão dos grupos de menores recursos das áreas centrais.

Seguem-se dois artigos que questionam o papel do arquiteto e da academia ao nível da intervenção local e da habitação social. **Isabel Raposo**, tendo subjacente a polarização do mundo atual, e inspirando-se na noção de 'produção do espaço social' de Lefebvre, sublinha o papel do ensino da arquitetura e do urbanismo no desenvolvimento da capacidade de leitura crítica do espaço e de uma prática criativa insurgente, alternativa e de resistência, que contribua para a criação de uma cidade mais inclusiva. **Catarina Ruivo** confronta os limites da recente retórica, apolítica, em torno de uma arquitetura social, mediada pelos grupos Elemental e Urban-Think Tank, com o posicionamento político da ação técnica das brigadas SAAL de 1974-76, recentrando o debate atual sobre o papel do arquiteto, no contexto político, socioeconómico e ideológico.

Os quatro artigos seguintes são contributos de investigadores do Gestual sobre alguns dos projetos de investigação-ação que têm vindo a ser desenvolvidos, referentes a territórios de génese ilegal e a dois bairros autoproduzidos, que o Grupo acompanha há alguns anos, o Bairro da Cova da Moura, na Amadora, e o Bairro da Torre, em Loures. **Sílvia Jorge** reflete sobre os processos de transformação e reconversão dos territórios de génese ilegal e sobre o impacto destes processos na qualificação e coesão sócio-espacial, a partir do caso da freguesia de Unhos, em Loures, marcada por uma diversidade de situações paradigmáticas. **Ana Valente** propõe uma releitura da Iniciativa Bairros Críticos no bairro da Cova da Moura, na ótica do Direito à Cidade e do empoderamento, a partir das noções de arena sociopolítica e de reflexividade, desfiando

discursos e ações e as diferentes racionalidades e perceções entre cumprimento das normas e direitos. **Joana Lages, Danny Wildemeersch, Júlia Carolino, Joana Braga e Inês Veiga** focam-se na dimensão processual do laboratório experimental que conduziram no bairro da Cova da Moura – Este Largo Podia Ser Assim –, numa perspetiva de intervenção liminar, explorando a articulação do dissenso em torno do futuro do bairro, como uma oportunidade de construção democrática entre investigadores e moradores. **Daniel Lobo** restitui parte da investigação-ação conduzida pelo Gestual no Bairro da Torre, em torno da higiene urbana, questionando o seu contributo ao nível do empoderamento local, tendo subjacente o contexto de crise e como referência a noção de autogestão, de Henri Lefebvre.

Os dois artigos finais são contributos auto-reflexivos sobre formas de intervir de outros grupos, nas margens urbanas de Lisboa. **Rosa Arma**, atualmente investigadora do Gestual, contrapõe às lógicas tecnocráticas e *top-down* dominantes, uma abordagem interativa e transformadora, que alguns pequenos projetos de intervenção local têm ensaiado, como os “espaços de resistência” abertos pelo atelier Artéria, na linha de uma “arquitetura da quotidianidade”. **Tiago Mota Saraiva**, a partir de um olhar autorreflexivo sobre a própria prática profissional, questiona o papel do arquiteto e da arquitetura em contexto de austeridade e enquadra a ideia de “Trabalhar com os 99%” como um ensaio de caminhos emancipatórios de uma arquitetura de intervenção em territórios marginais.

As duas entrevistas finais completam esta mostra reflexiva com a apresentação de duas associações: a LocalsApproach, reunindo um grupo de jovens arquitetos diplomados na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FA-UL), dinamizadores de projetos BIP-ZIP em Lisboa, de escala local, como o Projeto “2 de Maio todos os dias”, ou mais abrangente, como o Fórum Lisboa; e o Habita, baluarte da resistência e da luta pelo direito à habitação e à cidade, um coletivo de ativistas contra os despejos forçados em bairros autoproduzidos ou decorrentes dos recentes processos de valorização e especulação imobiliária.

Isabel Raposo e Sílvia Jorge